

**OVERTOOM, NIKOLAUS LEO. *THE RISE OF THE PARTHIAN EMPIRE*
IN THE HELLENISTIC MIDDLE EAST.
OXFORD: THE UNIVERSITY PRESS, 2020, 396 P.**

Henrique Modanez de Sant'Anna¹

O Império Parta tem sido objeto de curiosidade e mal-entendidos acadêmicos pelo menos desde a obra de Edward Gibbon. Segundo ele, os partas eram “uma tribo obscura de origem cita” e os protagonistas históricos de um “longo intervalo de obscurantismo” que antecipa a ascensão da Pérsia sob os Sassânidas. Mais de 150 anos após a publicação de sua obra, os partas continuaram a ser retratados negativamente. Ronald Syme (1939), por exemplo, argumenta que o reino parta, “embora duro para um invasor e esquivo por sua própria falta de ordem e coesão, não era forte na guerra nem agressivo na política. Adulação, perversidade ou ignorância podiam elevar a Pártia a um império rival de Roma: ela não suportaria o julgamento das armas – ou mesmo o da diplomacia” (p.302). Embora a obra de Syme seja relevante para os estudos da Roma antiga, apresenta compreensão insuficiente, datada e, infelizmente, ainda hoje bastante comum sobre o Irã antigo.

É contra esse tipo de panorama historiográfico que estudos recentes sobre o Oriente helenístico ganham força. O livro de Overtoom é o melhor exemplo da atenção histórica que eles merecem não apenas por sua participação na história de Roma, mas especialmente por sua própria contribuição para a história do Oriente helenístico. Como argumentado corretamente pelo autor (p. xv), “sua capacidade de sobreviver às inúmeras ameaças que enfrentaram no Oriente Médio helenístico e, com efeito, de prosperar em um ambiente tão competitivo e hostil é um verdadeiro feito”. Os partas devem, portanto, ser considerados por seus próprios méritos ao invés de serem continuamente interpretados como “uma obscura tribo de origem cita” ou um reino de homens ímpios e inescrupulosos que viviam à margem de Roma. Tendo essa premissa em mente, podemos agora passar à análise mais minuciosa da estrutura da obra e dos argumentos desenvolvidos por Overtoom.

¹ Universidade de Brasília. E-mail: modanez@unb.br

O livro fornece sete mapas (Mapa 1: Rios e montanhas importantes; Mapa 2: Regiões importantes; Mapa 3: Cidades importantes a leste; Mapa 4: Cidades importantes a oeste; Mapa 5: O Império Selêucida c. 280 A.E.C.; Mapa 6: O Oriente Médio helenístico por volta de 140 A.E.C.; Mapa 7: O Império Parta por volta de 87 A.E.C.); uma linha do tempo abrangente desde a morte de Alexandre na Babilônia até a ascensão de Mitridates III em 87 A.E.C.; uma árvore genealógica dos primeiros Arsácidas; e uma lista de 91 fontes literárias gregas e romanas, incluindo fragmentos e autores/obras menos conhecidos/as, tais como Flégon de Trales (c. séc. II E.C.), Cosme Indicopleustes (meados do séc. V E.C.), o bispo armênio Sebeos (c. sec. VII E.C.), e a obra conhecida como *Excerpta Latina Barbari* (meados do sec. VIII E.C.). Mais importante ainda, fornece uma seleção de trinta moedas de Ársaces I (248 / 247-211 A.E.C.) a Ársaces XIV “Mitridates III” (87-80 A.E.C.): um hemidracma de prata e três dracmas de prata de Nisa; seis dracmas de prata de Ragae; uma peça de bronze e cinco dracmas de prata de Hecatôm pilo; um dracma de prata do Sírinx; um dracma de prata de casa da moeda desconhecida; um octóbolo de bronze, um óbolo de prata e dois dracmas de prata de Ecbátana; seis tetradracmas de prata e um dracma de prata de Selêucia; e um dracma de prata de Margiane.

Estruturado em seis capítulos, além de uma longa introdução voltada ao debate sobre a situação das fontes antigas e às teorias aplicáveis ao caso parta (a exemplo das teorias modernas das relações internacionais), o estudo de Overtoom lida com os seguintes temas centrais: a ascensão dos partas no Oriente Médio (cap. 1); a emergência de um Estado parta (cap. 2); a retaliação dos Selêucidas e do novo Império Bactriano (cap. 3); o declínio da Bactria e a ascensão da Pártia (cap. 4); o ápice da rivalidade entre Selêucidas e partas (cap. 5), e a hegemonia parta (cap. 6). Somados a essa estrutura, estão uma bibliografia não comentada de mais de cinquenta páginas e um generoso índice remissivo.

O primeiro capítulo, intitulado *From Migrants to Masters of the Middle East*, discute a chamada excepcionalidade parta nos termos da adaptabilidade de sua sociedade, ou mesmo de uma “versatilidade social” em simbiose histórica com seu imperialismo. Afinal, embora retratados como uma tribo cita, historicamente são compreendidos como “um amálgama de elementos nômades, persas e gregos” (p. 30) Tais traços são vistos em particular nas transformações de sua cunhagem, arte e literatura, que documentam uma sociedade multicultural, multilinguística e multirreligiosa, bem como uma ideologia imperial flexível. Com sua identidade única no mundo helenístico, criaram também uma

divisão territorial inovadora: “dividiram seu império em dezoito distritos e designaram reis vassalos ou governadores (*shahrdars*) para administrar essas regiões” (p.35), impulsionando ainda um sistema de vassalagem que garantia autonomia suficiente para o gerenciamento das províncias sem proliferar revoltas em razão de uma centralização opressora. Assim, muitas das responsabilidades e custos de manutenção eram transferidos aos “vassalos” (p.36), num estilo que em muito lembra o funcionamento do extinto Império Aquemênida.

Outro ponto discutido no primeiro capítulo é a arte de guerrear dos partas. Talvez o alvo favorito de numerosos *topoi* ao longo da história, sua arte da guerra testemunhou uma série de inovações relevantes no mundo antigo: a introdução e manutenção de táticas e estratégias de ataque e retirada baseadas no uso de cavalaria nômade, das quais destacam-se as que Overtoom agrupa como parte de um modo assimétrico de combater (p. 38); a logística apurada de um exército atípico e eficiente. Sobre a última, Overtoom é categórico: “o estabelecimento de uma forte identidade militar e infraestrutura sob os primeiros Arsácidas e a implementação de um sistema logístico para reabastecer seus arqueiros a cavalo, juntamente com o desenvolvimento da cavalaria pesada possivelmente mais devastadora e versátil do mundo nesse período, fizeram com que as forças partas se tornassem mais sustentáveis em campanha e em batalha do que seus contemporâneos nômades” (p. 46)

O segundo capítulo, intitulado *The Emergence of the Parthian State*, lida com a ascensão do Império Parta levando em consideração especialmente questões de relações internacionais. Valoriza os esforços históricos dos partas em sua sobrevivência num cenário no qual “massacre, escravidão e aniquilação” eram preocupações contínuas, segundo palavras do próprio autor (p. 65). A pergunta marcante do capítulo é, portanto, como eles conseguiram não apenas sobreviver em cenário tão complexo e hostil, mas sobretudo criar um dos impérios mais impressionantes e duradouros do mundo antigo. Com isso em mente, Overtoom investiga a crise do poderio Selêucida a partir da metade do século III a.E.C. (após a morte de Antíoco II, em 246 a.E.C.) como consequência das disputas dinásticas e territoriais com os Lágidas, bem como a ascensão de reinos menores, a exemplo do reino dos Atálidas, até a ascensão de Arsaces na Pártia. A narrativa uma vez mais segue de perto os relatos antigos (fragmentos incluídos), com ênfase dada às questões e limitações envolvendo a chamada “teoria de rebelião nativa” (p. 88) e as respostas dadas pelos reinos formados como fragmentação do Império Selêucida.

O terceiro e quarto capítulos avançam a narrativa e são intitulados *The Empire strikes back* e *The Fall of Bactria, the Rise of Parthia*, respectivamente. O terceiro discute como a vingança contra os partas havia se tornado uma das prioridades dos Selêucidas nos reinados de Seleuco II e Antíoco III, seu filho. Como argumentado por Overtoom, “A desintegração da fronteira oriental tornou cada vez mais necessária uma campanha selêucida para reconquistar a região e punir os partas e bactrianos. Segundo a teoria das relações internacionais, em um sistema de anarquia interestatal, como o sistema interestatal iraniano, no qual as relações de poder são fluidas e as capacidades do Estado são incertas, a reputação está diretamente ligada às percepções do poder do Estado” (p. 95). Logo, qualquer desafio à autoridade estatal era levado muito a sério.

Após análise das tentativas Selêucidas, conclui-se que a empresa fracassada de Seleuco II reforçou o que o autor classifica como estrutura tripolar do sistema interestatal iraniano, além de ter contribuído para a consolidação do poder regional dos partas e da influência pessoal de Arsaces como rei. Com isso, produziu-se uma base econômica e militar sólida na Pártia que os sucessores de Arsaces continuaram a desenvolver e explorar no século seguinte (p. 104). Ademais, e talvez ainda mais importante, destaca-se o reconhecimento da independência formal da Pártia e da Bactria pelos Selêucidas.

O quarto capítulo, dando seguimento à análise das novas investidas Selêucidas (dessa vez sob Antíoco III) que marginalizaram o reino parta até c. 160 a.E.C., discute como a dependência da autoridade carismática do rei fez com que a dominação em território iraniano ruísse após a morte de Antíoco, apesar de todas as crises políticas identificadas na história da região. Esta é, a propósito, uma das características mais marcantes do poder monárquico helenístico: a natureza pessoal de sua realeza, ancorada em vitórias militares significativas e em uma autoridade incrivelmente carismática. Em conclusão, o autor argumenta que “partas e Selêucidas haviam se tornado grandes adversários, e nenhuma das duas potências se contentou com sua nova rivalidade no Oriente Médio helenístico. Os partas não tinham a intenção de encerrar suas conquistas a oeste na Babilônia, e os selêucidas rejeitaram a noção de que os partas haviam conquistado o direito de reivindicar o domínio sobre a Média e a Mesopotâmia” (p. 188).

O quinto e o sexto capítulos, intitulados *The Climax of the Seleucid-Parthian Rivalry* e *Parthian Hegemony*, respectivamente, lidam com a ascensão definitiva dos partas frente à constante ameaça Selêucida (como exemplo, um dos tópicos do capítulo é intitulado “Another Ambitious Antiochus”) e esclarecem que, até c. 120 a.E.C., o domínio exercido pelos partas e a organização (ou até a sobrevivência!) de seu Estado fluuavam

enormemente. Somente a partir de c. 100 a.E.C., as fronteiras foram estabelecidas de maneira mais definitiva e os partas formaram um Estado historicamente dominante no Oriente helenístico. Foi Mitridates II a conseguir tal façanha e a estrategicamente reviver elementos da tradição monárquica mais antiga: “Por volta de 100, Mitridates II também estabilizou a situação continuamente volátil na Mesopotâmia e expandiu a rede de reis vassallos sob sua autoridade, ressuscitando o antigo título Aquemênida de ‘Rei dos Reis’ e retratando-se como o governante supremo de maior poder no mundo oriental” (p. 246). Com efeito, gradualmente os partas caminhavam da ruína ao poder indisputado, como argumentado em seção homônima do capítulo sexto. Já nos anos 80 a.E.C., os partas conseguiram notável presença na geopolítica da Síria (p. 271) e se colocavam não apenas como um Estado rival de Roma, mas como um poder cuja história e ascensão merecem tratamento historiográfico próprio, sem “secundarizar” sua relevância à expansão territorial romana.

O livro de Overtoom oferece o mais atual e completo estudo sobre os partas, com uma longuíssima e interessante bibliografia e um índice remissivo que auxilia o leitor em buscas mais específicas, além de todos os outros recursos citados ao longo desta resenha. Trata-se de pesquisa minuciosamente elaborada, com amplo apoio das fontes antigas, fragmentos e arqueologia incluídos. Merece destaque o uso de ferramentas conceituais oriundas das relações internacionais, de modo que suas conclusões não dependam de uma hierarquização equivocada dos Impérios antigos, como se o Estado parta, em particular, estivesse submetido ao interesse primordial de uma história do Império Romano. A escrita da história antiga percorreu um longo caminho desde Gibbon e Syme, e cada vez mais está claro que o caráter relacional do conhecimento histórico precisa ser aplicado também à história antiga. Grécia e Roma são e continuarão a ser palavras-chave no estudo da Antiguidade, mas não podem esgotar ou subjugar outras tantas que merecem seu lugar ao sol. O mundo helenístico, especialmente em sua porção oriental, é talvez a área mais promissora a esse respeito por trazer à luz civilizações que sempre foram tratadas como secundárias, ou colocadas à sombra das civilizações e fontes históricas gregas e romanas. O livro de Overtoom revela-se, portanto, leitura indispensável.

Recebido: 02/05/2022

Aprovado: 22/06/2022